



4099 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT26 - Educação do Campo

RELAÇÃO PESQUISA E MÉTODO: O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO EM UMA PESQUISA SOBRE A EDUCAÇÃO EM COMUNIDADES ATINGIDAS PELO AGRONEGÓCIO.

Rogério Maciel Nunes - UECE - Universidade Estadual do Ceará
Karla Vanessa Alves Maia - UECE - Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

As reflexões aqui apresentadas decorrem da busca por um aprofundamento quanto às questões teóricas e metodológicas referentes a uma pesquisa sobre a escolarização dos jovens em comunidades rurais atingidas pela expansão do agronegócio nos perímetros irrigados Tabuleiros de Russas e Jaguaribe-Apodi, na região do Baixo Vale do Jaguaribe – CE. Assim, tratando da relação entre trabalho agrícola e educação escolar, aborda-se questões sobre a escolha do materialismo histórico-dialético como chave de análise para uma pesquisa dessa natureza, apontando os riscos da utilização de teorias críticas de forma não crítica e compreendendo que a escolha do método deve ser tomada como ferramenta e não como engessamento.

RELAÇÃO PESQUISA E MÉTODO: O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO EM UMA PESQUISA SOBRE A EDUCAÇÃO EM COMUNIDADES ATINGIDAS PELO AGRONEGÓCIO.

Rogério Maciel Nunes

Mestrando – Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino - MAIE/UECE

Luís Távora Furtado Ribeiro

Doutor - Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC

Pós Doutorado - EHECS em Paris

Professor Titular da Faculdade de Educação da UFC

Karla Vanessa Alves Maia

Mestranda – Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino - MAIE/UECE

RESUMO

As reflexões aqui apresentadas decorrem da busca por um aprofundamento quanto às questões teóricas e metodológicas referentes a uma pesquisa sobre a escolarização dos jovens em comunidades rurais atingidas pela expansão do agronegócio nos perímetros irrigados Tabuleiros de Russas e Jaguaribe-Apodi, na região do Baixo Vale do Jaguaribe – CE. Assim, tratando da relação entre trabalho agrícola e educação escolar, aborda-se questões sobre a escolha do materialismo histórico-dialético como chave de análise para uma pesquisa dessa natureza, apontando os riscos da utilização de teorias críticas de forma não crítica e compreendendo que a escolha do método deve ser tomada como ferramenta e não como engessamento.

PALAVRAS-CHAVE: CAMPO; METODOLOGIA; TEORIA.

INTRODUÇÃO

As reflexões aqui apresentadas decorrem da busca por um aprofundamento quanto às questões teóricas e metodológicas referentes a uma pesquisa sobre a escolarização dos jovens em áreas atingidas pela expansão do agronegócio. Nessa busca, algumas dificuldades se apresentaram, de modo que estas páginas são uma tentativa de refletir sobre elas.

Assim, ao buscar pela primeira vez observar a realidade a ser estudada nessa pesquisa, duas grandes dificuldades foram percebidas. A primeira delas foi em relação a amplitude das questões que se apresentavam, pois mesmo orientados pelo objetivo de analisar a escolarização dos jovens nas comunidades rurais atingidas pelos perímetros irrigados Tabuleiros de Russas e Jaguaribe-Apodi, na região do Baixo Vale do Rio Jaguaribe – CE, e por diversas leituras de autores que tratam de temas referentes ao agronegócio e a educação, a diversidade de assuntos ligados a esta intenção de pesquisa parecia ilimitada, levando-nos a refletir sobre aspectos teóricos a fim de direcionar o olhar e podermos encontrar um método seguro para chegar ao objetivo apontado.

Como exemplificação pode ser destacada a leitura de Ribeiro (2013), que ao tratar da relação entre trabalho agrícola e educação escolar nas experiências dos movimentos sociais populares rurais/do campo aponta que para compreender as questões ligadas a educação nessa área é preciso entender as questões próprias das contradições da posse e do uso terra.

Para Ribeiro nem mesmo um projeto de escola saído de dentro dos movimentos sociais populares rurais/do campo resolveria a questão da terra, assim “terra e escola estão indissoluvelmente imbricadas na constituição do que os movimentos sociais populares identificam, como o sentido da unidade política e da historicidade, como camponês” (RIBEIRO, 2013, p. 195).

Esse questionamento foi ainda mais aguçado ao passo que a mencionada experiência de ida a campo foi acompanhada pela leitura da obra *A construção da pesquisa em educação no Brasil* (2007) de Bernadete Gatti, onde a autora procura situar o contexto de desenvolvimento da pesquisa educacional no Brasil e tratar de algumas questões metodológicas. A leitura dessa obra provocou bastante inquietação sobre nossa segurança na construção de uma metodologia apropriada para a pesquisa, especialmente porque foram diretamente visualizadas questões sobre o que fazer na prática. As reflexões da autora se ligam a uma questão central que atravessa todo seu livro e apontam para a constatação de que nem tudo que se produz sob o nome de pesquisa em educação no Brasil merece assim ser chamado, especialmente por falta de aprofundamento e domínio metodológico.

Essa dificuldade foi bastante significativa, fazendo se impor com clareza uma pergunta que por mais que já se mostrasse como básica, todavia, é bastante fundamental, consistindo na segunda dificuldade referida acima. Trata-se da seguinte questão: por qual método de estudo devemos optar, tendo em vista a variedade de opções e a busca de segurança nesse aspecto? Assim, da necessidade de um recorte chegou-se a da escolha do método.

Essa segunda questão se mostrou bastante interessante, pois por um lado ela foi claramente influenciada por aspectos de preferências pessoais, ou seja, de uma certa preferência política que de antemão já apontava para o método do materialismo histórico-dialético. Isso parecia bastante confortável até se chegar ao outro lado, que é aquele da pesquisa, ou seja, da busca pela produção de uma pesquisa séria que diga respeito a uma realidade concreta e não apenas uma simples manifestação de preferências ideológicas, relacionadas a falta de domínio sobre fundamentos do método escolhido.

A ESCOLHA DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

As questões referidas se mostravam bastante insinuantes, apontando para o risco de produzir algo dizendo-se lançar mão de um método, mas porém sem de fato o fazer, utilizando o materialismo histórico-dialético como expressão sem sentido para atender um suposto ideal de compromisso político.

Esses temores encontraram suas expressões na obra de Gatti, onde a autora enxerga uma teorização ainda precária nas apropriações teórico-metodológicas de outras áreas pelos pesquisadores em Educação, por vezes com transposições sem análises críticas das possibilidades de abrangência, sem o devido domínio acadêmico das teorias, apontando até a existência de um uso não crítico de teorias críticas (GATTI, 2007).

A autora aponta esse problema no uso dissociado entre teoria e método. Exemplifica indicando casos em que se declara uma determinada orientação teórica para uma pesquisa, mas se utiliza métodos de coleta e análise de dados não condizentes, o que se liga a citada percepção do risco de utilizar o método do materialismo histórico-dialético sem os devidos aprofundamentos, por mais que a autora não trate especificamente desse método.

Com isso Gatti não quer dizer que os métodos devam ser dogmaticamente seguidos, mas sim que o domínio do método garante ao pesquisador estabelecer uma visão própria do seu objeto de estudo, assim cada método parte de certos modos de ver a realidade, pois estar consciente do modo de situar-se na pesquisa é uma condição de domínio de método.

Desse modo, chega-se a percepção de que a escolha de um método, por mais que possa partir de uma questão ideológica, e no caso aqui abordado cabe compreender que o materialismo histórico-dialético é uma concepção de mundo, é sobre como encaramos o mundo (FREITAS, 2007, p.55), ele deve servir para orientar a vivência da pesquisa e a reflexão durante o próprio processo, de modo que os revezes e as mudanças de direção também fazem parte da pesquisa. Assim, aquelas inseguranças a que nos referimos no início, também fazem parte da pesquisa, mas é preciso algo que oriente a construção de um caminho, para saber para onde olhar na complexidade apresentada pelo real.

Nesse sentido, tomando como referência o materialismo histórico-dialético, devemos buscar apontar nossos esforços por certos caminhos, orientar o que fazer, mas não predeterminar, partindo do mais geral para o mais simples, para em seguida retomar ao mais geral, pois como sugerido por E. Renault, G. Duménil e M. Lowy

(...) o circuito completo do conhecimento científico divide-se em dois processos elementares. O primeiro é a produção das ferramentas, os conceitos; ele parte da realidade, mas desprende-se dela, e seu resultado é o sistema teórico. O segundo é a utilização dessas ferramentas, a análise da realidade. A chave do primeiro, a produção dos conceitos, é a seleção, a eliminação de determinações que não pertencem ao poder explicativo do conceito tomado isoladamente, e por isso podemos descrevê-lo como um processo de “abstração”. O objetivo do segundo é a combinação desses valores explicativos e, como tal, podemos chama-lo de análise “concreta”, análise que vai ao encontro dos múltiplos aspectos da realidade (DUMÉNIL; LOWY; REANULT, 2011, p. 224).

Desse modo, teríamos dois caminhos a seguir, um que parte das generalizações buscando os aspectos mais simples que as compõem, de modo a produzir uma série de conceitos que em seguida serão utilizados no caminho de volta para o encontro da generalidade. A percepção desses autores é fundamentada na obra de Marx, sendo perceptível esses aspectos nas próprias palavras desse autor quando ele diz que

O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se na determinação abstrata; no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento (MARX, 2008, p. 258-259).

Seguindo esses caminhos, parece que deve-se ter em mente a orientação de buscar dentro da realidade, que inicialmente se mostra bastante caótica, aspectos mais simples, evidenciando as contradições e elaborando conceitos genéricos que em seguida possam ser capazes de dialogar com a realidade e explicá-la.

Podemos tomar como exemplificação uma questão que no primeiro momento se mostrou bastante controversa na incursão realizada em busca de elementos para a pesquisa apontada no início. Trata-se de uma visão apresentada por sujeitos ligados ao sistema municipal de ensino de Russas-CE, onde membros da Secretária de Educação Municipal e gestores de escolas pesquisadas pareciam desconhecer qualquer influência que as políticas voltadas para o agronegócio exerciam sobre a realidade das escolas e dos alunos que as frequentavam, chegando inclusive a parecerem surpresos que tal questão pudesse ser levantada.

No início isso foi bastante perturbador, pois o ponto inicial da pesquisa partia da suposição de que havia alguma relação entre essas esferas, mas a fala dos sujeitos abordados parecia colocar isso em cheque. No entanto, considerando as orientações metodológicas indicadas chega-se a um ponto de cautela nessa questão, pois estamos tratando de uma visão de um todo caótico, baseando-se na fala de sujeitos imersos em múltiplas determinações que precisam ser desveladas e reconstruídas a partir de conceitos e categorias que revelem as contradições, pois não obstante, Luiz Carlos Freitas coloca que

Para além das representações e das significações que o ser humano constrói, há um mundo de acontecimentos que é passível de ser conhecido e estudado. Tais acontecimentos podem ser sintetizados em conceitos e categorias carregadas de contradição no e pelo pensamento. O materialismo histórico-dialético diz respeito a este processo (FREITAS, 2007, p 51).

Assim, longe de deslegitimar algum aspecto, a visão manifestada pelos sujeitos serve para orientar a pesquisa e buscar na própria realidade elementos que a expliquem, de modo que ela possa ser situada dentro do devido contexto. É uma visão que faz parte de uma generalidade abstrata e caótica que ao ser questionada deve ser reconstruída a luz das categorias explicativas construídas a partir da própria realidade concreta revelada pela pesquisa, que será mais precisa quanto mais dotada de clareza metodológica.

CONCLUSÃO

Considerando o já exposto, podemos apontar que o método é uma referência para guiar o pesquisador, não podendo ser tomado como uma camisa de força, sendo preciso reconstruí-lo no andamento da pesquisa, assim como deve-se dialogar com a bibliografia apontada como referência e não meramente reproduzir o já dito, trata-se de uma constante reconstrução, orientada por uma clareza das questões de fundo, ou seja, dos fundamentos da perspectiva escolhida e da visão proporcionada por ela (GATTI, 2007, p. 64).

Assim, o método não deve ser rígido ao ponto de se abandonar a realidade, sendo que esta também não se explica por si mesma, compreendendo que no decorrer da pesquisa certas orientações e regras existem e são úteis e necessárias como referentes de validação e plausibilidade das análises. Cabendo ainda a orientação de Freitas, quando este aponta a necessidade de evitar a tendência a aplicar as categorias de Marx de forma mecânica e o vício de fazer uma passagem direta da leitura para a realidade particular do pesquisador, sem a devida descrição e análise desta realidade (FREITAS, 2007, p 53).

Baseando-se nessas orientações, percebemos que o percurso até o campo de estudo sem a definição do método torna a procura dos dados mais complexa e até infrutífera. Assim, o não esclarecimento de certas questões iniciais, especialmente as metodológicas, pode tornar a prática sem objetividade, pois não se sabe bem para onde olhar, ou ainda cair na aplicação rígida de categorias sem a devida incursão na realidade.

Por outro lado, uma maior clareza dessas questões orienta as ações a serem tomadas, tencionando perceber que a pesquisa se faz em diferentes momentos, que não a enquadram rígida e formalmente, mas orientam o caminho e auxiliam num percurso de apreensão do concreto. Desse modo, sem definir um método e sem esclarecer algumas questões teóricas parece não haver um ponto de onde partir e nem objetivo a chegar. Por mais que o contato com a prática altere tudo, parece que boas definições quanto a estas questões apontam para a construção de um caminho mais seguro no desvelamento do objeto.

REFERÊNCIAS

DUMÉNIL, G.; LÖWY, M.; RENAULT, E. **Ler Marx**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FREITAS, L. C. Materialismo Histórico-Dialético: pontos e contrapontos. In: II Seminário Nacional "O MS T e a Pesquisa". **Cadernos do ITERRA**, Ano VII - nº 14 - dezembro 2007. - 1ª ed. - Iterra: Veranópolis, 2007.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber livro editora, 2007.

MARX, K. Introdução à contribuição à crítica da economia política. In: MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. - 2ª ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2008. P. 237 – 272.

RIBEIRO, M. **Movimento camponês, trabalho e educação**: liberdade, autonomia e emancipação: princípios/fins da formação. - 2ed. - São Paulo: Expressão popular, 2013.